



## **Ruy Mauro Marini e seu 18 Brumário latino-americano<sup>1</sup>**

Artur Gomes de Souza<sup>2</sup>

### **Resumo**

Resenha sobre o livro *O reformismo e a contrarrevolução: estudos sobre o Chile* de Ruy Mauro Marini.

**Palavras chave:** Ruy Mauro Marini, Reformismo e a Contrarrevolução, TMD, Fascismo.

## **Ruy Mauro Marini y su 18 Brumário latino-americano**

### **Resumen**

Reseña del libro *El reformismo y la contrarrevolución: estudios sobre Chile*.

**Palabras clave:** Ruy Mauro Marini, Reformismo y la Contrarrevolución, TMD, Fascismo.

## **Ruy Mauro Marini and his Latin American Eighteenth Brumaire**

### **Summary**

Review of the book *The reformism and the Counter-revolution: Chile studies*.

**Key words:** Ruy Mauro Marini, Reformism and the Counter-revolution, TMD, Fascism.

[...] o reformismo, pelo próprio fato de abalar a sociedade burguesa até seus alicerces sem se atrever a destruí-la, acaba se transformando na antessala da contrarrevolução (MARINI, 2019, p. 23).

*O reformismo e a contrarrevolução: estudos sobre o Chile* (MARINI, 2019) pode ser estabelecido como o *18 Brumário de Luis Bonaparte* (MARX, 2011) latino-americano que

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

<sup>2</sup> Licenciado em Educação Física e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Membro do Grupo de Investigação sobre Política Educacional (GIPE-Marx) e do Coletivo de Estudos Marxismo e Educação (COLEMARX). artur.gsouza@hotmail.com.

finalmente chega às mãos dos leitores brasileiros<sup>3</sup>. Por ironia do destino, a quebra da censura a uma das principais obras de Ruy Mauro Marini no Brasil se deu com o ascenso de Bolsonaro à presidência.

O fato de as elaborações do autor intervirem na realidade, haja vista sua posição de dirigente do *Movimiento de Izquierda Revolucionaria* (MIR) dá um toque especial à escrita, que antagoniza o tom morno e asséptico do academicismo reinante na universidade brasileira hodierna. Suas descrições e sínteses exemplificam as estratégias políticas implícitas nos métodos de análise – algo nem sempre exposto pelos interlocutores.

Não é menor a publicação ser viabilizada pelo sindicato da Associação dos Docentes da Universidade do Rio de Janeiro (Adunirio) em parceria com a editora Expressão Popular, por figuras como Rodrigo Castelo, Fernando Prado e Marina Machado Gouvêa com tradução de Diógenes Moura Breda, que têm feito críticas necessárias ao apagamento de nossa melhor tradição teórica. Nadam na contracorrente e tentam modificar o que Darcy Ribeiro (2005) acertadamente constatou no prefácio da obra de Manoel Bomfim: de que, no Brasil, não construímos tijolos sobre tijolos, academicamente cada autor trabalha com seu tijolo sem uma base e com os olhos voltados para a Europa, sem um acúmulo das lutas e da produção teórica produzida pelas gerações passadas<sup>4</sup>.

O livro de Marini (2019) sobre a contrarrevolução ocorrida no Chile pode ser apreciado por diversos aspectos. Iniciaria aqui pelo metodológico: a inovadora e afinada análise da luta de classes e dos interesses das frações sobre o projeto, ou ausência de possível projeto, das pequenas burguesias, proprietárias e não proprietárias<sup>5</sup>. Hoje, é raro encontrar uma análise de conjuntura embasada nas forças produtivas, no padrão de acumulação e, principalmente, nos interesses de classes. Para a escolha das melhores táticas Marini dialoga com as concepções de movimento de Lênin e aprofunda a análise dos dados da produção industrial chilena. A crítica da economia política entra como fundamento, especialmente acerca do processo de monopolização e suas fases predominantes de concentração ou

<sup>3</sup> Sobre tal tema, na década de 1970, somaram-se 300 mil pessoas para escutar nosso intelectual, em Frankfurt, em uma histórica conferência “por ocasião do primeiro aniversário do golpe chileno” (MARINI, 2005).

<sup>4</sup> “Entre nós, a cultura não constrói, como em toda parte, pela superposição de tijolos nas paredes de um edifício que se levanta coletivamente. Aqui, cada pedreiro está olhando para a casa alheia e só deseja contribuir com seu grão de areia exemplificativo ou seu tijolinho de lisonjas ao pensador estrangeiro que mais o embasaca. As gerações, assim, não se concatenam. Cada qual se atrela, se ancila, aos moinhos de ideias lá de fora” (RIBEIRO, 2005, p. 20-21).

<sup>5</sup> A pequena burguesia proprietária é composta por “[...] pequenos industriais e comerciantes etc.”) e a pequena burguesia assalariada por “[...] principalmente o funcionalismo, como os empregados do governo, os trabalhadores dos serviços nacionais de saúde e até mesmo juízes” (MARINI, 2019, p. 32).

centralização. Esses aspectos embasam a análise de porque as forças de direita não se aliaram nas eleições de 1970 e abriram caminho para a aliança de esquerda vencer o pleito.

As táticas de curto prazo são pensadas e tematizadas por suas implicações política e teóricas. Não há um descolamento da teorização com a prática, algo que difere da parcela que responsabilizou a “ultraesquerda” ou a “esquerda desvairada” pelo golpe de setembro de 1973, tendo entre seus divulgadores Darcy Ribeiro (MARINI, 2019, p. 35). A conversão intelectual latino-americana contou com apoio financeiro e institucional da socialdemocracia alemã<sup>6</sup>, e de grandes setores da esquerda. O entendimento de que a esquerda armada e radical provocou os golpes e as mortes dos jovens nos períodos ditatoriais na América Latina mistura um pouco de cinismo, no caso de Cardoso e Serra (1978) e de tentativas de outros caminhos para a construção do socialismo, que mantém o pensamento pequeno burguês materializado na via parlamentar da Unidade Popular, mas retira o conteúdo potencialmente revolucionário da experiência chilena. Essa virada findou no caso brasileiro ao que hoje conhecemos como estratégia Democrática e Popular, na qual compreende-se “a possibilidade de reformas radicais produzirem “gradualmente” mudanças estruturais que levariam a superação do capitalismo” (IASI, 2014). É bom lembrar que as questões táticas como o caso de Allende abdicar de seu chefe militar de confiança, quando nomeou Pinochet para comandar o exército chileno e a promulgação da lei que dava direito ao exército para entrar nas fábricas e sindicatos com o intuito de desarmar a classe trabalhadora são parte da história contada por Marini (2019). Não é por acaso que o Estado de contrainsurgência faz tamanho estrago no caso chileno.

Marini descreve que a pequena burguesia funcionária dominou o debate da Unidade Popular chilena, prioritariamente a partir de 1972, quando a luta de classes é acirrada. A solução dada pelo Partido Comunista do Chile para a crise de 1972 foi realizar uma aliança com a pequena burguesia proprietária, por meio da *Democracia Cristiana*. Não há nada que desagrade mais a pequena burguesia do que a luta fora da institucionalidade. Mesmo assim, a burguesia adora e não tem nenhuma vergonha em fazer uso das ditaduras do Grande Capital, como bem pontua Marini (2019). Esses são exemplos que continuam a ser repetidos quando os interesses burgueses são ameaçados ou que os interesses da classe trabalhadora não têm quem os defenda. Osório (2019, p. 19), no prefácio da obra ressalta que “Não existe classe

<sup>6</sup> Em suas memórias, Marini (2005, p. 102) comentou sua percepção do processo: “[...] nas conversações com os funcionários da [Fundação Friedrich] Ebert, ficou claro para mim o interesse da social-democracia alemã na intelectualidade de esquerda latino-americana, assim como o trabalho que, para atraí-la, ela desenvolvia, através de CLACSO. Posteriormente, com o encontro que promoveu em Colônia Tovar, na Venezuela, em 1975, entre as principais forças da esquerda chilena, excluídos o PC e o MIR, o cunho político da ação social-democrata ficou perfeitamente definido. Essa ação viria a dar frutos significativos, na segunda metade da década”.

social mais aferrada à defesa da legalidade vigente do que a pequena burguesia. Porque até a burguesia chilena deixou claro que, quando a situação exige, geralmente associada ao risco de perder o poder político, ela passa por cima de suas próprias leis e da Constituição”.

Marini (2019) debateu no Chile com as visões pequeno burguesas e com a política de aliança de classes. Certamente o contexto difere do que vivemos hoje no Brasil, no entanto, a indistinção entre aliança e compromisso, além do equívoco entre com quem estabelecer compromissos para neutralizar uma força e com quem estabelecer alianças, são elementos decisivos em ambos os casos<sup>7</sup>. A tese do Partido Comunista Brasileiro (1958) e a do Partido Comunista do Chile aproximavam-se na crença da possibilidade de chegada ao socialismo sem rupturas. Se considerarmos o poder político como o exercício de coerção de uma classe sobre outra, ambos partidos falharam em propor a realização da transição sem considerar para isso a tomada do poder, assim como em compreender o papel do Estado, levando a mais uma derrota latino-americana dos trabalhadores. A tristeza e a comoção do caso chileno foram maiores em virtude de, ali, ter havido a vitória de uma revolução e uma virada no poder muito mais próxima do que nos outros casos.

A publicação dessa obra de Marini (2019) no contexto da chegada de Jair Bolsonaro na presidência brasileira, há exatos 45 anos após sua primeira publicação, denota que “a história ensina, mas não tem alunos” (GRAMSCI, 1921). No campo artístico, Glauber Rocha em *Terra em transe*, e depois em *Der leone have sept cabeças*<sup>8</sup>, ilustraria didaticamente o fracasso das alianças com uma suposta burguesia progressista. Marini foi mais longe e demonstrou que, no caso chileno, esse erro foi repetido mesmo sem haver a demonstração da mínima vontade da burguesia em dita aliança com a Unidade Popular:

É verdade que [a] consumação dessa aliança tem sido impedida, por um lado, pela pressão do movimento popular, particularmente da classe operária (como fica claro no caráter que essa classe conferiu à Área de Propriedade Social, distinto ao idealizado pela UP), e, por outro, pela carência de um interlocutor burguês interessado em firmar um compromisso com a UP. Mas a inexistência de condições políticas que permitissem um acordo com essas frações burguesas não diminuiu, aos olhos de seus defensores, a validade estratégica do objetivo proposto e tem levado a repetidas tentativas de concretizá-lo, contra tudo e contra todos (MARINI, 2019, p. 138).

<sup>7</sup> No Chile a aliança da Unidade Popular era com a pequena burguesia e o governo tinha uma concepção antimperialista, tanto que estatizaram o cobre e realizaram a expropriação de grandes indústrias que passaram a ser área de propriedade social. No caso brasileiro recente, as alianças se deram com a grande burguesia interna e externa.

<sup>8</sup> No filme *Der leone have sept cabeças*, de 1970, o território representado é o Congo e o debate entre aliança responsável com a burguesia ou revolução armada com auxílio do guerrilheiro latino-americano, no caso uma alusão a Ernesto Che Guevara. Após optar-se pela conciliação com a burguesia e imperialismo há um assassinato em massa da população. Em *Terra em Transe*, de 1967, a situação das alianças com uma suposta burguesia nacional contra o imperialismo mostra-se um fracasso, haja vista que o interesse da burguesia interna não é antagônico com o da burguesia externa e sim com o interesse do proletariado e do campesinato.

Os artigos que compõe o livro foram escritos no calor da luta, e alguns deles passaram por transformações, principalmente em relação ao entendimento do processo chileno como expressão do fascismo<sup>9</sup>. Ficou na versão final a constatação de que haviam traços fascistas que foram derrubados pelo movimento dos trabalhadores. Na primeira publicação de um dos artigos escrito no Panamá, “numa publicação de NACLA, com o título ‘Chile: The Political Economy of Military Fascism’, sendo republicado, em versão definitiva, no México, sob a denominação de ‘Economía política de un golpe militar’”, Marini (2005, p. 96) iria alterar o título e seu posicionamento acerca do fenômeno:

Essa mudança de título não era aleatória. Após haver manejado, inicialmente, a noção de “fascismo militar”, acabei por descartá-la, convencido de que a caracterização da contra-revolução chilena (e latino-americana, em geral) como fascista mistificava a natureza real do processo e visava a justificar a formação de frentes amplas, em que a burguesia tendia a assumir papel hegemônico.

Sua perspectiva identificava forças na esquerda chilena alinhadas a estratégias que não exigissem uma submissão total à hegemonia burguesa. Em um dos artigos escritos para *Chile Hoy*, incluídos no livro, ele desenvolverá a hipótese de que “independentemente dos traços fascistas que apresentava a mobilização da direita, não existiam condições para um verdadeiro regime fascista” (MARINI, 2005, p. 96).

Apontará em anos seguintes duas diferenciações desse processo com o fascismo europeu. A primeira refere-se ao fato de que lá o exército foi subordinado a um partido político, enquanto na América Latina “o pacto contrarrevolucionário se realizou diretamente entre a instituição militar e os órgãos corporativos da burguesia” (MARINI, 1976, tradução nossa). A segunda, de que ao contrário do fascismo “a contrarrevolução latino-americana não tem nada para oferecer as massas trabalhadoras” (MARINI, 1977, tradução nossa). Elaborará outra conceituação mais adequada para a situação chilena, a de “Estado de contra-insurgência e, quando se podia já vislumbrar o processo de redemocratização, o de Estado do quarto poder”.

Por tal originalidade, valeria aguçar a curiosidade dos leitores cansados de tantas palavras vazias jogadas ao vento em repetições ininterruptas de ideias em defesa de uma democracia abstrata. Que conheçamos o que de melhor foi produzido em nosso continente, mesmo que com quase cinco décadas de atraso.

<sup>9</sup> Marini (2019, p. 122) chega a caracterizar esse fenômeno nos seguintes termos: “O surgimento do fascismo – a forma por excelência da autonomização da pequena burguesia – foi uma expressão parcial desse fenômeno [...]”.

Para ser tecida a crítica e avançarmos no conhecimento, o primeiro passo é ter acesso aos textos escritos sobre nossa história latino-americana. É difícil não se emocionar ao descobrir essa preciosidade de análise de conjuntura desconhecida do público brasileiro. Que nossa geração se aproprie e avance no conhecimento para que, nas lutas, consigamos superar esse modo de produção capitalista. Que não caiamos na mediocridade intelectual de um mundo sem história, de uma luta espontaneísta ou sem classes, pois, sem teoria revolucionária não há revolução e, sem lutas a quente, não há, tampouco, produção teórica pujante.

Como bem ressaltou Marx (2006), em seu famoso posfácio, em períodos de acirramento da luta de classes, a produção acadêmica burguesa perde seu véu e fica nua. Talvez por isso, nesse momento histórico foi possível essa tradução da obra de Marini vir à luz. Muito esforço foi despendido para a tradução e publicação de algumas obras de autores da Teoria Marxista da Dependência (CASTELO, PRADO, 2013), mas muito ainda está por ser feito. É parte integrante da luta política a disputa ideológica e ela passa pela publicação e tradução dos textos de Vânia Bambirra e Ruy Mauro Marini, nossos melhores pensadores. Mãos à obra!

Seus textos contrapõem-se frontalmente a assepsia acadêmica. Assumem o compromisso histórico revolucionário em cada linha, não há divagações e sim utilização das ferramentas teóricas em análises concretas de luta para a revolução social. Contra esses autores muitos se levantaram, em sua maioria consideraram violentas as águas do rio e não as margens que as oprimem. Nega-se o horizonte histórico da classe trabalhadora, nega-se a possibilidade revolucionária. Em contraposição, nos é apresentada uma aliança de classes com uma suposta burguesia nacional com um projeto de desenvolvimento, ou neodesenvolvimento. Dessa forma, como já dizia Marx em seu 18 Brumário, a nossa história se repete, primeiro como tragédia e agora como farsa.

## Referências

GRAMSCI, Antonio. Itália e Espanha. In: GRAMSCI, Antonio. *Escritos Políticos*, v. 2, Editora Civilização Brasileira, Brasil [1921] 2004. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/gramsci/1921/03/11.htm>. Acesso em: 11 out. 2020.

IASI, Mauro Luis. *O PT e a Revolução Burguesa no Brasil*. 2014. Disponível em: <https://fdinarc.org.br/fdr/2014/03/16/o-pt-e-a-revolucao-burguesa-no-brasil/>. Acesso em: 07 abril 2021.

MARINI, Ruy Mauro. El carácter del Estado Militar y sus implicaciones para la izquierda. In: *Correo de la Resistencia*, órgano del Movimiento de Izquierda Revolucionaria de Chile en el

exterior, número 13, agosto-outubro de 1976, (Editorial). Disponível em: [Correo de la Resistencia MIR \(unam.mx\)](#). Acesso em: 21/04/2021.

MARINI, Ruy Mauro. Redoblar la lucha ideológica para asegurar la unidad de la izquierda In: *Correo de la Resistencia*, órgão del Movimiento de Izquierda Revolucionaria de Chile en el exterior, número 16, abril-junio de 1977, (Editorial). Disponível em: [Correo de la Resistencia MIR \(unam.mx\)](#). Acesso em: 21/04/2021.

MARINI, Ruy Mauro. Memória: por Ruy Mauro Marini. In: TRASPADINI, Roberta; STEDILE, João Pedro. *Ruy Mauro Marini: vida e obra*. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

MARINI, Ruy Mauro. *O reformismo e a contrarrevolução: estudos sobre o Chile*. Tradução de Diógenes Moura Breda. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política: O processo de produção do capital*, livro 1, v.2. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006.

MARX, Karl. *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo, 2011.

PCB. *Declaração Sobre a Política do PCB Comitê Central do Partido Comunista do Brasil Março de 1958*. 1958. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/tematica/1958/03/pcb.htm>. Acesso em: 30 mar. 2020.

PRADO, Fernando Prado; CASTELO, Rodrigo. O início do fim? Notas sobre a teoria marxista da dependência no Brasil contemporâneo. *Revista Pensata*. Guarulhos, v. 3, n. 1, nov. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.34024/pensata.2013.v3.9300>. Acesso em: 28/04/2021.

RIBEIRO, Darcy. Manoel Bomfim, antropólogo. In: BOMFIM, Manoel. *A América Latina: males de origem*. Rio de Janeiro-RJ: Topbooks, 2005.

SERRA, José; CARDOSO, Fernando Henrique. *As desventuras da dialética da dependência*. CEBRAP, São Paulo, 1978.